

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

VISADO PELA COM. DE CENSURA

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Em vésperas de combate Os Portuguezes na Abissínia À margem do conflito italo-abissínio

A Abissínia e a sua História

Por ANTONIO SÉRGIO.

A Abissínia parece ter devido uma parte importante da sua civilização a saquezas da religião judaica, vindos da Arábia. Foram homens dessa origem que ocuparam o trono desde os princípios do século X até 1262. O cristianismo foi ali pregado por um jovem chamado Fulgêncio, que um naufrágio deitou à costa, e que foi o primeiro bispo do país. O cristianismo que os abissínios receberam foi o de Entiqués, que apenas reconhece em Jesus a natureza humana, e, por estarem eles muito distanciados da Europa, em tal doutrina se mantiveram, enquanto na Europa os concílios a condenavam como herética.

Quando a invasão dos bárbaros derrubou o império romano, perdeu-se na Europa a memória desse povo de fé cristã, ficando apenas a ideia vaga dum rei cristão que vivia em terras remotíssimas, rei que a lenda rodeava de esplendores maravilhosos, e que recebia o nome de Preste João. Nesse soberano pensaram os portugueses, mal planejaram descobrir o caminho marítimo para as Índias. Entretanto um dos monarcas abissínios, Zara Jacob, desejando estabelecer relações com o resto da cristandade de que o seu reino estava separado havia tanto, enviou embaixadores que apareceram no concílio de Florença, onde causaram grande impressão. O Infante D. Henrique chegou a receber um enviado do Negus. Mais tarde um embaixador do rei de Benim, chegou a Lisboa, informando D. João II, de que, cerca de duzentas e cinquenta léguas para leste dos Estados daquele rei, havia um príncipe poderosíssimo chamado Ogaúé, de que o Benim era vassallo. Da suspeita de que seria esse o Preste resultou a ordem dada pelo rei a Bartolomeu Dias de que, nas terras que fosse descobrindo, deixasse certos negros e negras, a fim-de, que por via d'elles chegasse ao Preste João a notícia de que o rei sentia desejo de o conhecer e tratar com elle amizade. Ao mesmo tempo enviava D. João II emissários que deviam seguir através do Egito e da Síria, em demanda do Negus. O primeiro desses enviados parece ter sido um frade, António de Lisboa, o qual por desconhecer o árabe, não pôde passar de Jerusalém. Seguiram-se-lhe outros sem melhor êxito, até que em 1487, partiram para o Oriente, Pero da Covilhã e Afonso de Paiva. Este encontrou finalmente na Abissínia e foi recebido pelo Negus com a maior benevolência, mas teve de ficar na região onde faleceu depois em 1515.

Entretanto, chegava a Lisboa um enviado que encheu de contentamento D. João II: Lucas Marcos, sacerdote etíope, que fôra a Roma beijar o pé de Inocência III, e a quem o papa mandou a Lisboa com recomendação para o rei.

Tardando notícias de Covilhã e Paiva, D. João II expediu dois judeus, o rabino Abraão de Beja e José Lamego. Covilhã encontrou-se com ambos na capital do Egito muçulmano e, despachando para o rei José de Lamego, mandou por elle cartas a D. João II, a informá-lo de que, contornando a Africa, sem dúvida, se chegaria à Índia, e que o Preste João não podia ser outro senão o negus da Abissínia.

Durante o período de oito anos, que decorreu desde a chegada de Covilhã à Corte do Preste até a de Vasco da Gama a Calicute, houve ainda outras expedições em demanda do Preste, segundo se conclue das palavras de Garcia de Resende: «e depois foram outros com muitos gastos que o rei nisto fez».

Na sua viagem do descobrimento do caminho marítimo para a Índia, Vasco da Gama obteve notícias do Preste João em Moçambique. Lê-se no Roteiro da viagem: «Disseram-nos que o Preste João estava dali cerca, e que tinha muitas cidades ao longo do mar, e que os moradores delas eram grandes mercadores e tinham grandes naus, mas que o Preste residia muito no interior, aonde se não podia ir senão em camelos.»

Alvares Cabral e Tristão da Cunha desembarcaram em Melinde exploradores para que tentassem chegar à Abissínia; esses emissários não lograram por então, penetrar no interior. Em 1508, Afonso de Albuquerque encontra-os e transporta-os ao Cabo Guardafui, de onde, por fim, conseguiram chegar à corte do Negus. Governava então a Abissínia a Imperatriz Helena, regente durante a menoridade de seu filho David. A

ida desses emissários determinou a vinda a Portugal do embaixador Mateus, que trouxe a D. Manuel uma carta da Imperatriz, escrita em 1509.

Em 1515, Mateus partiu de Portugal para a Índia, acompanhado pelo cronista Duarte Galvão, embaixador de Rei. Embarcado em Goa, Galvão morreu no caminho para Massuá (1517); os seus dois companheiros Mateus e o Padre Francisco Alvares, esperaram durante três anos os meios e o ensejo de continuarem a viagem da Etiópia. Finalmente em 1520, Mateus desembarcava em Massuá na companhia do novo embaixador português D. Rodrigo de Lima, que levava um séquito de quinze pessoas, entre as quais o padre Alvares.

Chegou D. Rodrigo à corte da Abissínia em Abril de 1520. Em 1526, os portugueses da embaixada puderam embarcar na armada de Heitor da Silveira, que os viera receber ao Mar Vermelho. D. Rodrigo de Lima e o Padre Alvares partiram logo para a Europa, desembarcando em Lisboa no dia 23 de Junho de 1527.

Entretanto procuravam os sacerdotes portugueses ligar a Abissínia ao catolicismo no que trabalhou esse mesmo padre Francisco Alvares. Alguns obtiveram de vários pontífices bulas que os constituíam patriarcas da Etiópia. D. João Bermudes que pretendia obter tais bulas, veio a Portugal por ordem do Negus, pedir auxílio contra os muçulmanos que ameaçavam invadir a Abissínia; porém o próprio rei de Portugal D. João III, declarou numa carta que nunca vira as bulas de nomeação; o que não impedia de aceitar de princípio a ideia do socorro.

Achava-se Bermudes na armada em que o governador da Índia, D. Estêvão da Gama, filho de Vasco da Gama, regressava duma expedição a Suez, quando veio a Massuá, onde surgiu a frota, o bahr nagax (governador da região costeira) com uma embaixada da rainha Samba Vaugel, mãe de Asuaf Sagad, rei da Etiópia. O governador mandou armar tendas em terra e recebeu-o com muita honra, tendo consigo o Patriarca João Bermudes, todos os fidalgos e capitães, e os soldados e marinheiros da frota postados em formatura diante da sua tenda. O bahr nagax disse-lhe, perante todos, que a rainha lhe mandava parabéns da sua vinda, e lhe fazia saber que o imam de Zeilá Ahmad ben Ibrahim Al-Gazhi, mais conhecido pelo sobrenome de Grapelo (canhoto) à frente dum exército composto de muçulmanos de Adal e de turcos mercenários, invadira o reino da Etiópia, vencera o seu rei em numerosos recontros, assenhoreara-se de quasi todas as províncias do seu reino, e vendia como escravos aqueles que se não convertiam ao islamismo e se não submetiam ao seu domínio, destruindo as igrejas, incendiando os mosteiros, vexando os monges, pelo que estava em risco de se perder aquela cristandade, e que pois Deus o trouxera ali em tempo de tanta necessidade, por Cristo lhe pedia que o socorresse.

Despedido a bahr nagax, o governador chamou a conselho todos os capitães, e assentaram que se prestasse ao rei da Etiópia o socorro pedido. Confiou o comando da Expedição a seu irmão Cristóvão da Gama; designou-lhe quatro centos homens, dos melhores da armada, que se lhe foram oferecer; deu-lhe oito peças de artilharia, cem mosquetes, muitas munições e a 9 de Julho de 1541, iniciou D. Cristóvão da sua marcha para o sertão, indo com elle o Patriarca João Bermudes e o bahr nagax com duzentos abexins para serviço do arraijal.

(da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira).

O "Vitória", na Póvoa de Varzim

Deslocou-se, hoje, à Póvoa de Varzim o *team* de honra do "Vitória Sport Club", desta cidade, que ali realizará um jogo com uma selecção dos grupos futebolísticos póvoeiros.

A acompanhar o grupo vimaranense partiram em camionettes e combóio, grande número de desportistas.

Os Portuguezes na Abissínia

Transcrição feita do «Panorama» semanario literario n.º 161, paginas n.º 174 do ano 1840.

Primeira victoria de D. Christovão da Gama

A seis de Julho de 1541 partiu do porto de Maquá D. Christovão da Gama com 400 portuguezes em socorro dos abexins, e, sobre alguns dias de trabalhosa jornada, chegou à cidade de Baroa, a cujas portas a esperava um grande numero de religiosos, cantando as ladainhas; e um, que parecia superior dos mais lhe fez uma falla expondo as calamidades e misérias que padecia aquella christandade, e levantando sobre as estrellas o generoso animo dos portuguezes, que sem outro interesse mais que a defensão e gloria do nome christão, sacrificavam as vidas a tamanhos perigos em terras tão remotas; e que esperava no verdadeiro Deus que todos adoravam que lhe havia dar victoria de seus inimigos, que tambem o eram da verdadeira fé. Foram ditas estas palavras com tantas lagrimas, e tantas demonstrações de sentimento, que produziram os mesmos effeitos em todos os portuguezes. Logo soube D. Christovão que a rainha mãe do imperador o vinha buscar á mesma cidade, e se dispoz a lhe sahir ao encontro fóra della com toda a gente em fórma militar.

Vinha a rainha em uma mula, com um certo modo de andilhas, e umas cortinas de seda que a cobriam até arrastarem pelo chão. Entrou pelo meio de duas alas que formavam os nossos, e a receberam com salvas de toda a artilharia e arcabuseria. Então correu as costeiras para os ir vendo, sem delles ser vista, porque trazia o rosto cuberto com um véu que só tirou quando viu a D. Christovão. E feitas as cerimoniaes e demonstrações que aquelle caso pedia, em que D. Christovão não faltou ao que era veneração e obsequio, nem a rainha aos agasalhos e carinhos que podia dispensar a magestade: passado o rigor das chuvas, por ser tempo então de inverno, trataram de proseguir a jornada, engrossado já o nosso campo com uma boa porção de abexins, que acudiram em defeza da patria e do seu principio, com o qual se reconciliaram muitos, que medrosos ou varios se haviam encostado á parte d'el-rei de Zeila. No caminho toparam com uma serra aonde se haviam fortificado alguns capitães do mesmo rei, e pela eminencia e aspereza do sitio parecia mais impossivel que difficuloso o lança-los dalli. Mas D. Christovão ainda que reconhecia o perigo, entendendo que a reputação das suas armas defendia daquella primeira facção, se deliberou a investir a serra. Dividiu a sua gente em tres partes; e ordenando que por outras tantas (que só eram accessiveis) accommettessem ao mesmo tempo. E neste dia, ano de 1542, o fizeram com tanto valor e resolução, que por entre grandes pedras que os inimigos precipitavam do alto, e logo por entre chuvisros de ballas, subiram á eminencia. Nella se travou um durissimo combate. Constava a guarnição de mil homens escolhidos, que sabiam lhes não restava outra sahida mais que vencer ou morrer. Esta certeza os fazia pelear como desesperados sobre valorosos.

O capitão ançava em um formoso cavallo, e logo nas primeiras avenidas nos matou doze soldados pela sua mão, e assistido da maior parte dos seus fazia muito duvidoso o successo. Mas subindo os outros portuguezes pelos sitios que lhe couberam em sorte, ainda que tambem com grande perigo e damno, finalmente vieram a tornar no meio aos inimigos, e assim apertaram com elles, que poucos ficaram com vida, e muitos por fugirem de uma morte honrada, buscavam outra vil e mais cruel, despenhando-se da serra na qual se faziam em pedaços.

Deu-se a povoação a saque, aonde se acharam muitas riquezas, como em logar a que se não temia expugnação. Consagrou-se a mesquita pelo patriarcha D. João Bermudez (que ia com D. Christovão), e se dedicou á Mãe de Deus, cujo dia era. Os abexins que seguiam o nosso exercito, e não fizeram mais que ser testemunhas do valor dos portuguezes, os começaram a ter em conta de superior a todas as forças humanas o elevado e forte daquela serra.

Nota: Nesta transcrição foi respeitada a pontuação e ortografia da época.

Assinar o «Noticias de Guimarães», é dover dos vimaranenses.

A Sociedade das Nações e a Europa

Por ANTONIO SARMENTO

Não tardará muito tempo, decerto, que os clarins dêem sinal de fogo! A hora que vivemos, sobressaltada, nervosa, é talvez o prenúncio de grandes e graves acontecimentos. Não sabemos ainda se os homens — se a sua boa vontade e a sua intelligência — poderão evitar as consequências de uma aventura de conquista e expansão de um povo patrioticamente exaltado, militarmente enquadado e afortunadamente pobre. São grandes e complexos os antagonismos na Europa; é alarmante a curva da crise; são cada vez mais estreitos e vivos os egoísmos dos povos. A urgente cooperação internacional — base de uma politica de defesa da velha Europa, a contos com a sua decadência e com o clarão vermelho de Moscou — opõe-se precisamente uma rebeldia de esforços, afastando-se sistematicamente de um ponto de convergência compensador e descongestionador. Descarnam-se assim, e cada vez mais, os irónicos antagonismos, jogam-se á aventura os últimos elementos. Dir-se-ia que a Europa segue, afinal, o fatalismo da sua trajectória e que a história escreve, com razão, as últimas paginas de um grande e longo capitulo.

Roma, Moscou, Londres, Genebra, Berlim — epitélios nervosos de uma politica europeia, por um dos quais tem que decidir-se e a cada um dos quais cabe a sua perspectiva diferente, com o seu significado próprio que, neste momento, representam para todos nós as mais aflictivas apreensões e talvez os mais duros e tenebrosos destinos.

Neste tumultuar de paixões, de interesses antagonicos, de mentalidades doentes fazendo desaguar vertiginosamente para um oceano desconhecido o destino de uma civilização tantas vezes secular, só restará decerto ao homem que saiba ser digno da sua própria hora, que herói no seu sacrificio, que sublime na sua coragem, indicando resolutamente á sua intelligência e á sua vontade o novo caminho da sua missão histórica.

Que poderemos nós, através estas encruzilhadas, surpreender de interessante ou de amargo, na trajectória que teremos de descrever para além do presente?

A S. das N. e a Europa

A Sociedade das Nações é, sem dúvida, o fulcro de uma politica conservadora da Europa — conservadora porque pretende consolidar e fortalecer como equilibrio, a linha geográfica-economica da Europa saída da guerra. Sem quaisquer subterfugios e com toda a crueza das realidades, é ela o espelho onde se miram os interesses dos Aliados. Parte daí, todavia, para um mais alto objectivo? Para a ideia de paz pela solução arbitral de conflitos que sucedam? Sem dúvida. Condição, porque ella representa um esforço pacifista, porque pretende consolidar interesses de certas potências que parece que a sua harmonia *genebrina* se vai quebrando.

Os interesses economicos das nações subsistem até um limite para lá do qual todas elas se encontram na media lógica e legitima das suas reivindicações. Se é certo que o tratado prevê as condições necessárias e suficientes para que, partindo do Direito, duma moral e duma economia, as nações possam contrariar todos os desígnios daqueles que não se informam por esse Direito, por essa moral e essa economia, temos todavia de considerar que tudo varia e muda segundo as necessidades que se criam. Restaria, portanto, o direito democratico daqueles que poderiam impôr a sua vontade e a sua hegemonia. A associação de povos que conjugassem um ideal mais alto de justiça e de equidade libertaria as pequenas nações, com responsabilidades pesadas no mundo, das eventualidades da sua pequenez.

O congresso de Gênebra, mesmo que sob a hegemonia de nações que ganharam a guerra, não deixaria todavia de possuir o alto significado de uma assembleia que bradasse pela justiça, em voz alta, a todo o mundo. Alguns acontecimentos, relativos a países que sofreram as consequências amargas da derrota, assinalaram a existência daquele alto organismo de modo que não seja possível comprometer tão somente um objectivo oposto absolutamente aos interesses conjugados das potências representadas.

A S. das N., a-pesar-de tudo, tem desempenhado um papel europeu, isto é, tem conduzido uma politica de coo-

peração que, da parte de alguns dos seus elementos, apenas tem encontrado a má vontade decidida a tal missão. Porque os seus interesses não coincidem com a consolidação dos interesses das potências que liquidaram a guerra de 1914? Sem dúvida. A Alemanha abandonou-a para entregar-se a uma politica de força. Todas as outras que se afastaram, mais ou menos seguiram os rumos de interesses que preferiram, sosinhas, fazer valer. Deste modo a S. das N. *identificou-se* melhor — salvo a essência de uma politica superior pacifista — com todas as hegemonias, quer politicas, quer economicas dos povos que têm um interesse immediato e urgente na paz: e que são os povos ricos ou com recursos de produção de riqueza.

O choque de duas hegemonias

Quando, um dia, após um movimento de reivindicações e represálias alemãs, esta bloqueada pelas outras potências, se viu forçada a abandonar Genebra, dir-se-ia que os Aliados, de novo, lhe tinham infligido outra derrota, tal foi a frente em que se preparou a nova offensiva.

Decerto modo, todavia, essa frente manteve o equilibrio europeu e tentou consolidar a base da Paz. Mas a guerra, e suas consequências directas e indirectas, agitou socialmente a Europa. A S. das N. encontraria depois novos obstáculos, resultantes da própria evolução da politica interna dos países. Foi assim que, em breve, o estatuto de Genebra teria de sofrer o primeiro embate da parte da Itália, cuja situação económica e financeira, seriamente ameaçada, não offerecia outra solução que não fosse o alargamento das suas fronteiras. A Itália é pobre; a sua agricultura insufficientissima; a sua industria é o seu unico recurso de equilibrio mas á custa de grandes esforços em virtude de ter de comprar ao estrangeiro a respectiva matéria prima. Nestas circunstâncias, conquanto uma mobilização de 10 milhões de homens, não lhe é possível suportar por muito tempo uma guerra que, como todas hoje, são dispendiosissimas por virtude da sua técnica e exigências modernas. Arrastada por uma exaltação colectiva bastante perigosa e sujeita á singular psicologia de um homem que herdou do passado a mania da hegemonia sobre a Europa, a experiencia fascista não bastou para arrumar todos os seus problemas internos: não lhe criou riqueza. Apenas, na fiscalização ao capitalismo e á fortuna tornou estes contingentes de uma absorção do Estado, através orçamentos militares e de guerra custosissimos. O seu exercito ou a sua politica militarista nada mais reuden que formosas e dinâmicas paradas cujo custo tem representado uma certa drenagem de ouro para o estrangeiro.

O incomportamento da sua super-população ameaça por seu turno o agravação do seu desequilibrio; logo a Itália só poderia encontrar uma solução fora das suas fronteiras: a solução teria de ser violenta e ella correria o risco de ser mal recebida em Genebra. O pensamento de Mussolini, por seu turno, politicamente inclina-se para o reatamento do *destino imperial de Roma* — como bem lhe chamou o Dr. Augusto de Castro.

A Etiópia pode ser pois o primeiro fólego de uma investida para uma hegemonia europeia. Logo a posição da S. das N. apparece perfectamente ameaçada. O ministro dos estrangeiros inglês respondeu afinal, segundo o espirito da S. das N., sem dívida também de acôrdo com o espirito imperialista britânico. Nada melhor como traduzir as entrelinhas:

«Compreendo a tua necessidade de expansão; mas esta tem de ser controlada por mim. Eu defendo a hegemonia da Grã Bretanha sobre a Europa. Ella é um facto. Se compreendo a tua necessidade, quero limitá-la a uma concessão que não represente *imperialismo*, conquista, e não seja o precedente de uma nova aventura, de tipo fascista, a caminho de um destino que não pertence ao mundo de hoje nem ás ideias de hoje. Bem sei que o fizemos ontem; mas foi ontem e sinto-me orgulhoso disso porque contribuiu, de facto, nesse tempo, para a civilização de que usufruimos actualmente. Depois, a guerra dava alento a novas guerras; a novas reivindicações de outros; á inquietação das pequenas potências, á aniquilação de nossos destinos. A guerra trazer-nos-ia consequências de ordem social. A tua vitória, por seu turno, se fosse possível, ofus-

caria a Europa e isso bastaria para que o conflito geral fosse um facto. Depois eu sou democrata, tu tens a mentalidade perigosa de um fascista. Nestas condições eu estou perfectamente de acôrdo com o espirito de Genebra. Apelo para o tratado; sou intransigente. Com os outros, arruinaste; só e com a França, aceite a guerra e ella decidirá.»

Em resumo é este o significado das palavras de Hoare. Não tenhamos ilusões.

De qualquer modo, a S. das N. presta ás pequenas potências, sobretudo áquelas que detem grandes domínios coloniais, um grande serviço — pelo menos por agora; pois não esqueçamos que o ministro inglês, falando das matérias primas, frizava bem a nota da possibilidade da sua distribuição racional. O *Pacto dos 4* talhado por Mussolini offerecia ás 4 grandes potências e ás suas necessidades oportunas a maneira de poderem resolver os seus problemas urgentes, á boa paz, sobre a sorte das pequenas. A tal base hierárquica era pitoresca e por isso mesmo bem alarmou a pequena *Entente*. A sua rejeição deve-se essencialmente ao péso que aquela exerce no meio genebrino, isto é, nos interesses da França e da Inglaterra face ás diabruras da Alemanha. Por isso, Mussolini, no fundo, detesta a S. das N.; detesta-a porque é contra o espirito do *Pacto dos 4*, tem base democratica e consolida ou defende os interesses de potências que dominam na Europa.

O ditador italiano que há tempos pedira já, num arrogante discurso, que lhe deixassem o caminho livre na Africa, encontrou uma grande muralha na sua frente que decide, naturalmente da sua sorte.

O prestígio do Duce e o destino político do Fascismo

A guerra está no espirito do fascismo e dos fascistas. Mussolini, como Napoleão, terá que ir pois *contra a Europa*. Recuar é perder; avançar é jogar o destino dum povo. Qualquer dos dilemas, perante as realidades, é temerário, mas o último deve estar mais de acôrdo com o espirito do chefe italiano.

Se a S. das N. cumprir á risca as suas cláusulas, a Itália será amordaçada; mas esta hipótese é, ao mesmo tempo, terrível de angústia para toda a Europa porque representa um novo conflito europeu cujas conseqüências colocam o velho continente á ordem de todos os appetites; e bem natural seria que sobre as suas ruínas descessem, cadenciadas, as divisões vermelhas de Moscou, fechando a porta ao velho edificio de uma civilização que se suicidara. Restam duas hipóteses: *camuflar* a imprudência do Duce e evitar o conflito europeu.

A primeira consiste — localizando a guerra em Africa — consentir os primeiros combates, dada a extrema excitabilidade a que chegou o povo italiano. Entretanto — e por pressões de toda a ordem — obrigar Mussolini, após algumas dolorosas vitórias, a aceitar os offerecimentos da S. das N. que continua trabalhando pela paz e que são quasi os mesmos que hoje lhe são offerecidos, modifica-lhe isto sobretoque em outras vantagens — embaraços a custa da boa-vontade da França. E o conflito pode terminar honrosamente, embora com péssimos resultados para a politica interna da Itália, accedidos pela campanha os seus embargos economicos. Descrever se há depois, naturalmente, a nova curva do prestígio do Duce e do destino politico do Fascismo — fácil de equacionar, decerto.

Nota: — No próximo número terminamos as nossas considerações sobre o «maquiavelismo» que hoje interrompemos com este artigo.

A. S.

Liceu de Martins Sarmento

São avisados os alunos inscritos neste liceu de que está em cobrança a propina de matrícula, cujo prazo termina em 30 do corrente mês.

A relação dos alunos contemplados com a isenção do pagamento de propinas já se encontra afixada no átrio deste liceu.

Pró-Monumento aos Mortos da G. Guerra

Duas voltas antagónicas

Quis o destino — o insondável e, por vezes, irónico destino — que Guimarães fosse visitada dentro dum pequeno intervalo — justamente quinze dias — pela patrulha dos Combatentes da Grande Guerra, em 21 de Agosto, e pelos corredores e não corredores da 6.ª volta ao continente, em bicicleta, em 4 de Setembro, ambas, a uma quarta-feira, por sinal, conseqüentemente, dia útil.

A primeira — a dos Combatentes — tem uma finalidade filantrópico-espiritual, visto que procurando propagandear a Liga dos Combatentes da Grande Guerra, na visita aos núcleos, não faz mais que divulgar os benefícios que ela presta aos antigos combatentes, às viúvas e aos orfãos, necessitados do seu auxílio; depois, pelas terras por onde passaram, deixaram, sempre, meia dúzia de flores, nos monumentos, ou placas, aos Mortos da Grande Guerra, simbolizantes dessa solidariedade gerada e alimentada nos campos de batalha e que, através dos anos, perdura e perdurará, até à morte, nesses peitos generosos, alguns dos quais, cicatrizados pela metralha e, outros, combatidos pela ingestão de gases asfixiantes. A missão dos Arautos dos Mortos da Grande Guerra, pela beleza moral que encerra, pela filantropia que a reveste e pela solidariedade que a adorna, é da mais alta simpatia, da mais profunda admiração, como da mais transcendente sensibilidade para todos os corações dos vivos que tomaram parte na Grande Guerra como, até, para aquêles a quem a Pátria não exigiu esse sacrifício tremendo. Percorrer, a pé, cerca de quatro mil quilómetros, visitando todos os núcleos da Liga a fim de estreitar, cada vez mais, os laços fraternos dos seus filia-dos, e evocar junto dos monumentos dos queridos mortos — não mortos vulgares, porque são os mortos da Pátria — a memória dos sacrificados, é uma lição de civismo do mais acendrado valor e uma romagem cheia de encantadora e destacante humildade, levada a efeito por três humildes antigos combatentes. Essa volta, que teve o seu início no dia 9 de Abril último e deve terminar no dia 10 de Novembro deste ano — duas datas que todos os antigos combatentes trazem gravadas no coração — tem a duração de duzentos e dezasseis dias e a ela é estranha a grande velocidade, como é mister à romagem de tão patriótica como cívica intenção, isenta, absolutamente, de ganância lucrativa, porque os postais de que a patrulha é portadora, são distribuídos gratuitamente, o que mais enobrece e exalta tão nobilíssima como tocante e enternecedora missão.

componentes da 6.ª volta em bicicleta. Para os corredores, nada menos de seis taças e uma medalha, além do entusiasmo indiscutível; para os pobres mortos da Grande Guerra, os trinta contos prometidos há perto dum ano e nem mais um centavo! Nem um centavo, nem entusiasmo nenhum!

Foi pena — uma grande pena — que a gravura espectacular que o «Diário de Notícias» inseriu no número do dia 7 (sábado), não tivesse apanhado, em cheio, o «par-dieiro - sardineiro» ou o cangalho hipomóvel do correio; foi pena porque, com estes elementos, o quadro aumentava de valor e faria realçar, ainda mais, o aspecto festivo do dia, aumentando-lhe a côr e o cheiro.

(Continúa)
Setembro, 1935.

MANUEL DE GUIMARÃIS.

GAZETILHA

Este «Notícias», às vezes até me causa espanto; Tem certas monomanias Como poucos portugueses; E mesmo até lhes garanto Que trata de ninharias...

Pois mesmo este jornal, Tem até um gran defeito De querer o Regimento, Mas quer o Liceu Central, Quer tudo muito bem feito, Também quer o Monumento.

Mais pede moralidade Dentro do nosso concelho; E que acabe a porcarias Que no centro da cidade, Rua Trindade Coelho, Em tempos não existia.

É certo aquela sentina, Bem no centro da cidade, Não ser só um micróbio; Não fede só a urina; P'ra findar tal sujidade Vai fazer-se um... pedibório.

Mussolini ditador Pretende armar nova guerra, Porque isso muito lhe apraz; Logo éste massador Resmungo, brada e berra Que quer paz e muita paz.

Quer assunto de interesse? Eu dou-lhe assunto muito belo, O mais valente ciclista E nenhum há como esse, E' o Filipe de Melo Que primeiro entrou na pista.

E o Récoba, o Récoba!... Para defender uma bola Muito mais vale que o Lima; E portanto não se troca, O «Sporting» jamais me enrola, O «Vitória» está por cima.

E assim vós como vedes Eu trato de coisas úteis; Não é cá como o «Notícias», Que não fala em guarda rédes, E a tratar coisas fúteis Ronca mais que cem polícias.

Não haja faciosismo Porque a mim ninguém engana E não sirvo p'ra capacho; Eu tenho real baírrismo: — O meu amigo Baduna Chega bem para o Muchacho...

«P'ró Campo de Benhevai, P'ra lá vai, Todo o pobinho pateta...»

«Água mole em pedra dura Tanto dá até que fura», E os que são mariolas Que vão lá tratar de bolas...

CLAROS.

E que dizer?

Porque «o acaso» nos levou a abeirar-nos do Castelo, sito no antigo Monte Látito (e precisamos o local por causa das confusões), a nossos olhos se deparou um espectáculo que, francamente, nos relegou a categoria de vilória montesinha, e observadas as cenas em que estranhos foram protagonistas. Subido o Carmo, olhado de relance os Paços dos Duques de Bragança, na antevisão dum restauro que não será dos nossos dias, o delineado parque (?) em volta do Castelo de S. Mamede não era senão um logradouro público, com pastagem apropriada para porcos e galinhas, além dum pobres pedintes que, numa impertinência arreliadora, se esfalfavam em choramingar a sua desdita junto duns *touristes* interessa-

dos em conhecer as maravilhas da nossa Terra!

Sofremos uma tremenda desilusão — e porque não confessá-lo? —, o nosso temperamento nervoso excitou-se de sobremaneira perante tamanha pobreza, de tal modo fazendo «ponto de rebuçado», que não ficaríamos a bem com a nossa consciência ao deixar de clamar: — Senhores vimezanenses! Os estranhos que nos visitem e desejem sossegadamente fazer um estudo demorado do património que é o nosso maior orgulho, devem estar à mercê do grunhido de porcos, cacarejar de galinhas ou *teimosia* e lamêchiche de pedintes?

Alviçaras, a quem providenciari!

Onde moras?

Descancem!... Não é aquela poesia de António Feijó que embala o coração dos namorados, perdidos de amor e sonho.

A indagação tem o seu quê de propósito, logo que a publicidade lhe deu relêvo e realce.

— Onde moras?

E ninguém sabe da ex.ª Comissão de Estética que, chamada como médico para a cabeceira do doente, se vê agora despresada e abandonada como alveitar e curandeiro de moléstias sem carácter maligno.

— Onde moras?

E o concurso requerido para o monumento dos Mortos da Grande Guerra foi «triste pio» que não encontrou eco...

Doença ou influência?

Vá lá uma históriasinha. Porque a maré vai propiciatória a pequenas histórias, não resistimos à tentação de contar uma que tem aplicação.

Quadro: — Preparação para exames de admissão ao liceu.

Ponto: — Questionário feito sobre um ditado em que se pedia um sinónimo da palavra «fisionomia».

Resposta do aluno: — O sinónimo de fisionomia é «arqueologia».

Conclusão: — Si non es vero, bene trovato, para uma terra rica em pessoas sabedoras do assunto.

Ainda e sempre a selvajaria!

E' do domínio público que a época da caça abriu no domingo.

Limpas as espingardas, ainda mesmo sob a ameaça da chuva, os dilectos filhos de St.º Huberto partiram para as digressões venatórias, acompanhados dos «batedores» e «matilhas».

Dia inteiro pelo monte — pum! pum! — e à noite foi um clamor!

Tantos cães mortos! Veneno espalhado pelos montes! Do sr. Fulaninho, seis cães a espernear, sem apêlo nem agravo, apesar das injeções apropriadas de que os donos se muniram e lhes aconselham!

— Pum! pum! E os requintes de selvajaria a tornarem o homem... lóbo dos cães!

A estrada da Corredoura

Os srs. dr. Ferreira Leão, engenheiro da Câmara Municipal e capitão Luiz Augusto de Pina foram, na passada terça-feira, ao lugar da Corredoura a fim de poderem levantar o traçado para a ligação das duas estradas, caso já bastante discutido nas colunas do nosso jornal. Fômos, porém, informados que novas complicações surgiram da parte do sr. Claro que não compreendeu ou não quis compreender a exposição feita pelo nosso prezado amigo sr. José Fernandes Ribeiro Gomes.

Olhe, sr. Claro: a estrada não é desviada, como diz, e a

Comissão Administrativa da Câmara não lhe aparará o jôgo, agora, de vingança e teimosia, calcando o bem geral, o direito e a justiça, e mandará ligar as duas estradas.

Assim o cremos para bem de todos.

Salões de Estudo

Por iniciativa dos srs. dr. Gaspar Gomes Alves, Tenente Carlos Coelho e Luiz Filipe Coelho, funcionarão no próximo ano lectivo, nesta cidade, vários salões de estudo para curso de explicações e montados de harmonia com a lei. Informam-nos mais que o sr. Capitão Duarte Fraga foi convidado também para fazer parte do Corpo docente desses Salões, o que vem abrihntar de sobremaneira a iniciativa em marcha.

Dado o renome dos professores e as condições didáticas em que a sua instalação vai ser feita, de esperar é que tão importante melhoramento seja bem augurado.

NUM LEQUE...

Versos meus quereis, Senhora, Escritos por minha mão, Na seda do leque vosso... Vou escreve-los... embora Sem a estulta pretensão Dum poeta loiro e môço...

E' que, senhora, o espelho, Quando às vezes o consulto, Numa risada de insulto Mostra-me o rosto dum velho...

Quando dais o movimento Ao leque: tenho o desejo De ser a aragem, o vento A refrescar-vos num beijo...

Setembro de 1935.

DELFINO DE GUIMARÃIS.

Estrelas do Meio-Dia

I Sabe ao menos inquirir: Quem faz pergunta apressada, (No desejo de iludir) Tem resposta demorada.

II Cumpre bem a obrigação Quem paga o que recebeu, Pois em boa opinião, Tudo o que lhe fica é seu.

III Mais vale saber que haver E o louvor sempre aparece; Por muito dinheiro ter Na morte o rico se esquece.

IV Disto o povo sabe e entende: Do dinheiro e da bondade, (Boa acção ninguém defende) Só metade da metade.

V Não dê o dedo ao vilão Nem o julgues um saudeu, Porque tomar-te-á a mão Como qualquer bom judeu.

VI Quando por caso fortuito Nos tente um projecto louco, Esperar embora muito Mas contentai-vos com pouco.

VII Quando tenhas de afirmar Procura primeiro ver; Antes de tudo julgar, E' preciso conhecer.

L. COELHO.

Desfazendo calúnias

Uma carta

Do nosso prezado colaborador, sr. Luiz Filipe Coelho, recebemos a carta que segue:

Meu caro Antonino:

Depois da desassombrada «tunda» pregada ao caluniador Florêncio Lóbo, «tunda» dada com mão de mestre e a tempo, eu venho agradecer-lhe a leal camaradagem que me dispensou e felicitá-lo pela completa estirpação de quem se nos apresentou como um bandalho, intelectual e moralmente.

Disse V. tudo, e bem o sintetizou na dissecação psicológica do autor putativo da reles missiva que me foi dirigida, vertedor de calúnias e vileza, poidouro de imundície e desvergonha.

Recuperada, porém, a minha liberdade, cumpre-me apontar a mossa que a sua paulada provocou sem «abrir ao verde»: é o facto da carta ser ditada por outrém, mixto de murmurante e intriguista, para quem o «timbo» afugentou da loca, tal e qual enguia viscosa e resvaladeira.

Sim, meu caro, o nosso execrável

e objecto doutor — e pelo dedo se conhece o escriba — era incapaz de *escorropichar* qualquer gota de «bom juízo» para, no *dirás tu que te direi eu*, continuar a malizar de pessoas que facilmente o retrancam, retrilhando a calúnia por supostas bocas, insaciável e atrevido! Esquentado de cabeça e varejado pelas excitações nervosas, andou a dar de aluguer o pensamento para que o desembarcasse da «camisa»... de forças que o aperta e comprime, através da praia póveira, em passo pressuroso e atabalhoado. Alguém o livrou da «rasura», e o escrito sublime (!) veio dactilografado e arrogante, julgando que deixaria de provocar o riso nuns, e a compaixão doutros.

Para esse ou esses, caro Antonino, peça ao fogueiteiro de Fermentões que os vista de Judas, já que V. implorou a graça divina para o afatiado bacharel.

Renovando os meus agradecimentos e pedindo-lhe desculpa do espaço que lhe roubo

Disponha sempre do Amigo Certo

Luiz Filipe Coelho.

Trevas, não. Antes do dilúvio!

Sempre «o acaso» a interferir no nosso pensamento!

Agora, é de luz que se trata, e não vão misturar esta nossa reclamação com a já morta «questão da luz».

Chegados em dia chuvoso, no combóio das 21 horas e 10 minutos, ao descer a Avenida que é o caminho mais curto para o centro da cidade, verificamos, e isto ainda era bem notório no dia de ontem, que aquela artéria a que deram o nome de «Avenida Cândido dos Reis» só tinha 6 lâmpadas a iluminá-la, sendo duas particulares.

¿O que nos diz o fiscal a este respeito?

Trevas, não. Antes do dilúvio!

Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes

Posição das contas da Contabilidade Geral em 31 de Agosto de 1935:

ACTIVO

Diponível em dinheiro Caixa Geral de Depósitos, 1.129.177\$28; Caixa, 2.941\$23. Esc. 1.132.118\$51.

Realizável Devedores Gerais, 97\$00; Títulos Caucionados, 100.000\$00; Delegações, 2.424\$80; Delegações Conta Vinhos Americanos, 1.214.230\$60. Esc. 1.316.752\$40.

Existência Compra de vinho, 212.089\$55.

Indisponível Móveis e Utensílios: Séde 65.186\$90; Móveis e Utensílios: Delegações, 10.391\$65. Esc. 75.578\$55.

Contas de Resultado Encargos anteriores, 59.071\$43; Propaganda, 5.300\$00; Despesas de Viagens, 2.187\$80; Ordenados da Séde, Delegações e Honorários, 113.291\$90; Rendas da Séde e Delegações, 12.801\$80; Despesas Gerais, Séde e Delegações, 30.340\$63; Despesas de Fiscalização, 29.896\$95; Ordenados — Vinhos americanos, 5.300\$; Despesas Gerais — Vinhos americanos, 2.729\$55; Juros e Transferências — Vinhos americanos, 5.246\$20; Impresses — Vinhos Americanos, 6.196\$00; Destilações — Vinhos americanos, 163.419\$06; Despesas de Fiscalização — Vinhos americanos, 21.452\$30. Esc. 457.233\$62.

Contas de Ordem Contas de Garantia, 1.000.000\$00. Total, 4.193.772\$73.

PASSIVO

Inexistível Património, 827.466\$00.

Extigível Caixa Geral de Depósitos, 963.665\$95; Crédores — Vinhos americanos, 14.506\$56; Cotas — Vinhos americanos, 1.251.142\$75; Crédores por Caução, 100.000\$00. Esc. 2.329.315\$26.

Contas de Resultado Laboratório, 19.103\$45; Estatística e Movimento de Vinhos, 16.263\$52; Juros e Transferências, 1.624\$50. Esc. 36.991\$47.

Contas de Ordem Operações Financeiras, 1.000.000\$. Total, 4.193.772.73.

O Presidente,

a) Manuel de Espregueira e Oliveira.

O Chefe da Contabilidade Geral,

a) Cortolano Lazzolo.

Pela Caridade

Pelo último número do «Notícias de Guimarães», semanário que nunca deixo de ler com inteira satisfação, porque de cada vez o vejo mais empenhado pelo progresso da sua terra, tive conhecimento dumas circulares que a muito digna Direcção da «Casa dos Pobres» dirigiu à população vimaranense, a fim de auxiliar esta prestimosa instituição de caridade. Esta atitude, que mais uma vez vem demonstrar o quanto é grande a força de vontade das ilustres pessoas que constituem a referida Direcção, no sentido de resolverem um problema de magna importância, não só porque honra e prestigia Guimarães, mas também porque é mais uma obra de caridade, sob todos os aspectos simpática, como o são todas aquelas cujo fim diga respeito à protecção que todos devem dispensar à pobreza. Velar pelos pobres — dar-lhes de comer e vesti-los e, ainda, socorrê-los na doença, dispensando-lhes todos os cuidados, é dar o melhor e mais salutar exemplo da verdadeira humanidade, virtude que muitas pessoas não possuem, infelizmente, esquecendo-se dum sagrado princípio que não devia passar despercebido a ninguém — aquele que nos impõe a obrigação de sermos caritativos para com os nossos semelhantes. De facto, nada mais belo nem mais sublime do que esse altruísta exemplo da protecção à pobreza, que só dignifica e eleva quem o praticar. Se a felicidade não pode ser igual para todos, pelo menos que aqueles que são felizes espalhem um pouco dessa felicidade por outros que a não têm, de modo a isentá-los de amarguras e dolorosas privações, muitas vezes transformadas em pranto de dor e de miséria! Nenhum coração bem formado poderá ser susceptível de não sentir os horrores dum lar onde não haja um bocadinho de pão, nem uma gota de azeite para adubar um caldo, faltando, a par disto, o agasalho indispensável, sobretudo no rigor do frio, época de duplo sofrimento para quem não tem em casa com que se alimentar nem com que se agasalhar. E' isto o que a incansável e zelosa Direcção da «Casa dos Pobres» de Guimarães procura resolver, conforme consta do conteúdo das mencionadas circulares, independentemente de outros benefícios que deseja prestar, integrados, da mesma forma, no nobre sentimento da Caridade. Em face disto, nem uma só pessoa se deve recusar a cooperar com a Direcção da instituição em referência, conseguindo-se por este meio um modelar estabelecimento de beneficência, cujos efeitos se hão-de converter em segura garantia dos necessitados e, ao mesmo tempo, em imorredora glória para quem tam devotadamente trabalha pela sólida existência da «Casa dos Pobres» de Guimarães e, bem assim, para quem a auxilia, visto que sem o auxílio dos benfeitores nunca o seu fim pode corresponder a uma utilidade completa. De resto, os Vimezanenses já devem estar plenamente satisfeitos com o que a sua «Casa dos Pobres» tem feito — a pesar dos seus limitados recursos — quer no que diz respeito a beneficência, quer, também, no que se refere a instalação, que prima pelo seu conforto, asseio e limpeza. Tudo isto se deve, sem dúvida, à muita dedicação, ao muito trabalho e aos muitos sacrifícios de quem a dirige, factos que o proprio autor destas linhas tem constatado. Quem assim procede, merece a gratidão não só das pessoas contempladas, mas também a de todas aquelas a quem não é indiferente a expansão da Caridade. Portanto, à Direcção referida, composta de elementos que reúnem as melhores qualidades de iniciativa, de trabalho, de zelo e de escriptulo, deve ser facilitada, tanto quanto possível, a sua importantíssima tarefa, porque, sendo assim, dentro em breve será coroada com os melhores resultados, motivo de grande orgulho para uma terra onde tudo tem desaparecido, por ter vivido esquecida e desamparada. Oxalá, pois, que todos os Vimezanenses saibam corresponder ao apêlo que lhes é feito, inclusivamente ao de informarem a Direcção de algum caso que se relacione, com subsídios indevidamente prestados, circunstância a que se refere uma das circulares, o que prova o esmerado escriptulo da mesma Direcção, que dificilmente pode evitar qualquer informação menos verdadeira, a não ser pelo processo que adoptou. Feitas estas superficiais reflexões, resta-me prestar a minha sincera homenagem ás ilustradas pessoas ás quais está entregue a Direcção da «Casa dos Pobres» de Guimarães, fazendo os mais ardentes votos para que nela continue, a fim de que a florescente instituição seja a doce esperança daqueles a quem a nossa compaixão maida vestir e dar de comer.

Lá dizem as *Obras de Misericórdia*: Dar de comer a quem tem fome e vestir os nus.

E' este o papel humanizador que está a desempenhar a «Casa dos Pobres», que em boa hora foi fundada na cidade de Guimarães.

Vimezanenses!

Auxiliai-a!

Um Amigo de Guimarães.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para a nossa 4.ª página.

CASA PIMENTA

Rua 31 de Janeiro

Esta casa recebeu uma grande quantidade de sedas, crepes, tecidos finos, que vende com grandes abatimentos.

O maior e mais completo sortido em casimiras, artigo novidade, para a estação de verão. CREPE RADIO: 7\$00. As melhores qualidades. Os melhores preços.

◆ ◆ Não comprem sem verem o sortido desta casa. ◆ ◆

Desporto

A visita do Sporting de Braga. Um bom quarto de hora de jogo. Ambiente e interesse satisfatório.

O campo de Benlhevai, encheu-se de povo para assistir ao encontro Vitoria Sporting de Braga, e se, não não presenciou um bom desafio de foot-ball, assistiu pelo menos, a uma partida cheia de nervos e vigor, consequência própria da velha rivalidade entre estes dois grupos de nomeada. Os vimaranenses, acolheram bem os visitantes, aplaudindo incondicionalmente uns e outros no desejo duma concórdia evidente, que firme profundamente laços de amizade mútua. O foot-ball regional, necessita dum ambiente fraternal para se desenvolver, sem o qual, vegetará ao sabor de paixões, exarcebadas por um clubismo exaltado, origem sempre de questões graves que desvirtuam e comprometem o progresso de foot-ball no distrito.

Para que o ambiente fraternal exista, é necessário que os jogadores compreendam a dupla missão que se lhes exige: as responsabilidades inerentes ao jogo e a forma do seu porte dentro do rectângulo. Quando o ambiente é inclinado mais ao interesse do que à simpatia, um gesto, uma atitude, crêdora de lealdade e educação, dá origem, a que velhos ressentimentos aflorem e causem desordens — mais tarde lastimáveis —, mas no momento impossíveis de deter ou impedir.

Que os dirigentes meditem nas nossas palavras e afastem todos os germens causadores de futuros mal entendidos, e compreendam os nossos sinceros desejos, de contribuir para a firmação duma paz firme e duradoura.

ALMEIDA FERREIRA.

Do Concelho

O jogo:

Se dêste encontro o vencedor se poderia apontar à luz da lógica e da verdade, o vencedor devia ter sido o Vitoria, sem favor. Foi superior, teve maior quinhão de domínio, fez no primeiro quarto de hora, esplêndido foot-ball, que entusiasmou a assistência, mas foi perseguido sempre por uma grande falta de sorte: factor de importância nos desígnios do jogo. Em si, a partida, forneceu — além desse quarto de hora —, foot-ball pobre de factura, mais enérgico do que técnico, em que os nervos exigem aos músculos um esforço exaustivo, não permitindo ao cérebro raciocinar ou pensar com equilíbrio.

1.ª Parte

Após uma avançada dos sportinguistas, os alvi-negros apossam-se da bola e com grande rapidez, em passes certos e perfectos, levam a bola às rédes contrárias, pon-do à prova as qualidades notáveis dos backs bracarenenses. Vitoria, imprime ao jogo uma toada veloz que admira e, durante quinze ou vinte minutos, só existe em campo o jogo perfeito, de classe, do grupo local. Os vermelhos, ante a rapidez do adversário, esmorecem numa defesa atenta e cuidada. Dum internamento de Bravo e passagem dêste a Clemente, surge o primeiro goal do Vitoria sem defesa possível. Boa jogada de Bravo e excelente colocação de Clemente. A linha avançada dos alvi-negros joga com acerto e coesão. O jogo decorre duro, mas correcto. Vitoria, acusa os efeitos do único quarto de hora de jogo dêste encontro. Cede terreno. Sporting gisa algumas avançadas. Penalty contra os vermelhos que Constantino aponta mal e é facilmente defendido por Lima. Ricóca faz uma grande defesa, para momentos depois numa salda mal calculada, permitir a entrada dum adversário de cabeça, fazendo o 1.º goal do Sporting. Vitoria joga com menos rapidez e os dois grupos fazem foot-ball deficiente. Jaime e Ricóca tem uma indecisão que resulta a 2.ª bola de Braga. Houve protesto do público contra as decisões do árbitro.

Termina a primeira parte com o resultado de 2 e 1 a favor do Sporting.

2.ª Parte

Vitoria, alinha com A. Augusto a meia direita. O jogo desenvolve-se com avançadas alternadas dum e doutro grupo. Sporting marca a terceira bola. Os alvi-negros crescem e apertam o adversário no seu campo que se defende mal. Virgílio joga mal. Clemente marca a segunda bola do Vitoria. Os vimaranenses animam e dominam abertamente. Muchacho nota-se

pela sua má-riação. Esplêndida defesa de Ricóca num córner. Um pontapé bem mandado por A. Augusto vai fora. Ricóca tem uma salda intempestiva que originou calafrios. Muchacho continua com as suas deslealdades e gestos de garoto. O povo protesta irritado. Assim principiam as questões... Vitoria procura o empate a todo o transe, já que o triunfo não premiou a acção do melhor, mas, nem um nem outro foram alcançados, porque a sorte não sorriu nem foi justa.

Resultado final: 3 a 2 a favor do Sporting de Braga.

O Sporting, não mereceu nesta tarde sair vencedor. Jogou menos que o adversário, embora seja uma boa equipe com valores de merecido destaque. Os defesas — principalmente Cunha — chamaram a atenção pelas suas notáveis qualidades. A nosso ver é a melhor equipe que o Sporting tem possuído e um adversário de classe para o próximo campeonato regional.

Do Vitoria, no quarto de hora de bom jogo, portaram-se todos bem. Toda a linha avançada trabalhou com um acerto e inspirações admiráveis. Rápida, como poucas vezes temos visto em grupos de superior classe, foi todavia de pouca duração quando o fôlego começou a faltar e a fazer sentir os seus efeitos. Fernandes até então bom foi o primeiro a fraquejar assim como todo o sector da direita. Mário, deixou à vontade a ponta adversária e Maneca teve por vezes falhas perigosas. A Augusto dirigiu e empurrou o Vitoria ao ataque constante, mas a sua perna doente não lhe permitia muita largueza de acção. Virgílio jogou mal na segunda parte. Jaime, Laureta, Clemente, Ricóca e Bravo, os melhores. Zeferino, por vezes bom. Constantino, regular.

Dirigiu a partida Horácio Cunha. Fêz um trabalho imparcial, embora assinalasse faltas um pouco confusas, ouvindo por vezes protestos. Em geral, a sua arbitragem agradou.

ALMEIDA FERREIRA.

Do Concelho

S. Torcato, 20.

No próximo domingo realiza-se, na freguesia de Gonça, a romafia de S. Mateus, que costuma ser muito concorrida.

Constará de missa solene, sermão, grande arraial, uma linda procissão e lançado ao ar, na véspera e no dia, muito fogo de artifício, e far-se-á ouvir a banda da Póvoa de Lanhoso.

— Procedente da capital, encontra-se nesta freguesia o nosso conterrâneo e amigo, sr. Valeriano Ribeiro de Faria Abreu, comerciante e proprietário.

— Encontra-se doente, desde domingo passado, o industrial de funilaria, sr. José Eieira.

— No passado domingo e segunda-feira foi esta estância e majestoso templo muito visitada.

— Nesta e noutras freguesias limitrofes já principiam as vindimas, que este ano, infelizmente, são fáceis de fazer, devido à escassez dêste fruto.

— Procedente da Póvoa de Varzim, aonde estava a banhos, regressou a sua casa de Fundo de Vila, Gonça, o proprietário sr. João da Silva.

— Na segunda feira passada, procedente da cidade, chegou a esta estância a professora oficial, sr.ª D. Eli-ã Ribeiro Marques, acompanhada de sua ex.ª família.

— A Junta da freguesia de Rendufe, dêste concelho, referendou à Câmara Municipal um empréstimo de 500.000\$00, destinados à construção novo bairro de Casas Económicas, em Guimarães.

— O caminho que partindo da estrada, dá acesso para a igreja matriz desta freguesia, está intransitável, necessitando muito ser reparado. A quem compete pedimos a sua digna atenção para êste magno assunto.

— A iluminação pública no lugar do Mosteiro e Corredoura foi, na quarta-feira última, dotada com novas lâmpadas, que o sr. concessionário mandou colocar nos postes onde estavam apagadas.

— Desde segunda-feira última que o rev. abade desta freguesia se acha ausente na sua terra natal, ficando a fazer as suas vezes o reverendo padre capelão.

— Na igreja de S. Pedro de Azurém, consorciou-se, na passada quinta-feira, o nosso amigo sr. Artur Cardoso Lage, comerciante da Corredoura, com a

sr.ª D. Ilda da Silva Matos, gentil filha do sr. João António da Silva e de D. Josefa Matos, já falecida.

Foi celebrante o rev. capelão Manuel Joaquim Gomes.

Os noivos seguiram para a Póvoa de Varzim em viagem de núpcias.

— Na quarta-feira última veio residir para a sua linda vivenda do Gai-teiro, desta freguesia, acompanhado de sua ex.ª família, o nosso amigo sr. Alberto Pimenta Machado, digno juiz da Irmandade de S. Torcato.

Ao nosso hóspede apresentamos os nossos cumprimentos de boas-vindas.

— Na quarta-feira passada repicaram muito os sinos do santuário e foi celebrada solenemente uma missa oferecida pelo sr. Manuel Ramos, importante capitalista em Lisboa.

Há tempos este senhor sofreu uma melindrosa operação cirúrgica. Sentindo-se gravemente enfermo e em perigo de vida, lembrou-se do milagroso S. Torcato, supplicando-lhe a sua cura, o que obteve dentro em pouco.

Veio hoje cumprir a promessa entregando no cofre, ao que nos informaram, mil escudos.

Felicitemos o sr. Ramos pela sua cura.

C.



Crítica Semanal

Relógio da Oliveira

Este relógio continúa mergulhado em densas trevas. Antigamente tinha para sua iluminação um foco eléctrico de grande potência, mas actualmente está na intensa escuridão, bem como o Largo da Oliveira que parece mais uma aldeola sertaneja do que propriamente um largo central da cidade. A não ser que tirassem o mesmo foco, a fim dos gatos poderem ver bem as horas nocturnas. Sendo assim... está o dito por não dito.

Caminhos intransitáveis

Encontra-se intransitável o caminho público chamado da Calçada, que liga a povoação da Madre Deus com o Ponte de S. Lourenço de Sêlho. É imenso o trânsito feito por ali.

Chegam até nós constantes reclamações das freguesias limitrofes para o estado indecente em que se encontra o mesmo caminho.

Isto passa-se com uma ligação que é talvez a de maior trânsito do concelho de Guimarães. Providências Senhores!

Uma Montureira

Quem passar pelo princípio da Avenida Cândido Reis encontra ali onde existia o «Casebre da Avenida», uma montureira que causa nójo. Serve o mesmo local para fazer inúmeras porcarias, como o sejam: — servir de mictório, etc., etc.

Como o dito local não é próprio para semelhante porcaria, pois é quasi pegado à sala de visitas da cidade, chamamos a atenção de quem superintende nestes assuntos.

ARENDAD J.º.

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

A situação aflitiva duma pobre Senhora

Leitoras! vinde em seu auxílio

No nosso n.º 164, de 24 de Março, contamos assim, rapidamente, a triste história duma desventurada Senhora: Veio à nossa redacção uma pobre senhora — Maria Guiomar Damásio, de 42 anos de idade — que nos fez um pedido para aqui o transmitirmos aos nossos generosos leitores.

Vinha amparada de sua mãe — uma velhinha que tem no rosto a expressão nítida da dor — e falou-nos da sua aflitiva situação, o que nos impressionou imenso.

Necessita a desventurada senhora de adquirir uma perna de borracha, que substitua a sua perna direita que perdeu há 24 anos.

O custo da perna é de 1.200\$00 Não é muito, mas para ela é uma importância elevadíssima.

Nós abrimos a subscrição com a quantia de 20\$00 e os nossos leitores e amigos vão ajudar-nos — temos disso a certeza — na missão a que nos propusemos.

Transporte . . . 306\$00
Jorge Pereira Costa . . . 5\$00
A transportar . . . 311\$00

Temos em nosso poder a quantia de 311\$00. É pouco, muito pouco, não é nada, para o muito que é necessário arranjar; mas temos a certeza, como acima dizemos, que outros leitores e amigos nossos acorrerão ao nosso apêlo.

Atenção! . . .

Pessoa devidamente habilitada, lecciona das 8 às 10 horas da noite, instrução primária e os primeiros anos do Liceu, tanto a crianças como a pessoas adultas.

Não esqueçam o tempo perigoso das férias.

Preços populares. Informem-se nesta redacção ou na R. Dr. Joaquim de Meira, 225.

Nos Portugueses

Homenagem de saudade a um Herói da Pátria

Não foi em vão que fizemos um apêlo aos nossos leitores, apêlo que, como dissemos, nos foi sugerido pelo illustre Aviador Umberto Cruz e tem por fim a construção dum mausoléu que guarde, religiosamente, o corpo do desventurado António Lobato, que por terras do Oriente, espalhou a alma Nacional.

A subscrição está aberta. Em nosso poder temos já a quantia de 101\$00 que algumas pessoas nos vieram ou mandaram entregar.

Dentro em algumas semanas remeteremos o produto da subscrição; antes, porém, esperamos que outros vimaranenses nos confiem os seus óbulos para que dentro em breve o País inteiro saia de uma dívida em aberto ao Saúdosso Aviador.

Curso de Contabilidade

Guarda-Livros devidamente habilitado, lecciona praticamente, das 9 ás 10 da noite, caligrafia, correspondência, escrituração e calculo commercial, garantindo o aproveitamento. Aceitam-se alunos. Informa esta redacção.



João Tomaz Cardoso, SA DA BARRIOIRA - PORTO: JUNTA DO PORTO

5 VANTAGENS DO PAPEL DE FUMAR ARROZ "Smoking"

- 1 Oferece garantia máxima de higiene por ser a mortalha fabricada inteiramente por meio de processos mecânicos.
- 2 Resistencia e elasticidade do papel suficientes para evitar que se rasgue ao fazer o cigarro.
- 3 E' inofensivo e não irrita a garganta, porque não contém substancias quimicas nocivas.
- 4 Sua combustao se bem que lenta, impede que o cigarro se apague logo que se deixa de fumar.
- 5 Seu bom sabor e aroma.

A venda em toda a parte.

Depositários em Guimarães { Francisco Joaquim de Freitas & Genro José Pinheiro

PENSÃO COSTA
Alfredo da Costa e Silva Guimarães
PENHA GUIMARÃIS
TELEFONE, 114
ALMOÇOS ~ JANTARES
SERVIÇO Á LISTA ~ PREÇOS MODICOS
ESPECIALIDADE EM VINHOS DA REGIÃO

Um empregado com. na miséria

FERNANDO AIRES
ADVOGADO
R. República - GUIMARÃES

JOSÉ D'OLIVEIRA BASTOS e JOÃO NETO
ADVOGADOS
Escritório - R. Gravador Molarinho, 32 (Baixos da Assembleia)
TELEFONE, 58

Pinura cenográfica e decorativa.
Pinura sobre tecidos e vidro.
Desenhos à pena, etc.

Joaquim Teixeira
Guimarães.

Prédio Vende-se um prédio de 2 andares, sito na Rua D. João I, n.º 125. Para informações dirigir-se a Manuel Dias Pereira, Rua Dr. José Sampaio - Guimarães.